
Comunicação e cultura: implicações epistemológicas

Adair Caetano Peruzzolo*

RESUMO

Procurando pensar epistemologicamente a comunicação, este texto ocupa-se em analisar o modo da especificidade da comunicação humana, detalhando-a em dois tópicos: o do caráter humano da comunicação enquanto cultura e o da cultura enquanto resposta às relações comunicacionais; o que, de outro modo, pode ser visto como os modos de interrelacionamento básico da comunicação com a cultura.

Palavras-chave: Comunicação humana; Comunicação e Cultura; Epistemologia da Comunicação; Teoria da Comunicação.

De certo ponto de vista, pensar epistemologicamente a comunicação é pensá-la, primeiro, na sua dimensão interna essencial: aquela que a constitui como fenômeno de prática e saber, quer dizer, é pensar a força

* Professor Titular no Mestrado em 'Comunicação Midiática' da UFSM; Doutor em 'Comunicação e Cultura' – PHD - e Mestre em 'Sistemas de Comunicação e Significação', pela ECO/UFRJ; e Pós-doutor junto à Universidade Autônoma de Barcelona, ES (atividades orientadas pelo Dr. Lorenzo Vilches).

que dela se apodera, que a constitui na sua gênese e na sua afirmação. Segundo, é pensar no campo de interesses que ela gera e nas ações que ela qualifica, de modo a ser, hoje, um núcleo de questões e pesquisas, que movimenta não só academias com ocupações teóricas e investigativas, mas também centros institucionais e empresariais, que congregam e manejam milhares de pessoas, servindo, para uns, de ideal e força de realização e, para outros, de subsistência e exercício de vida.

A Epistemologia é tanto um conjunto de princípios, que avalia as estruturações e fundamentos do saber, gestionando critérios vivenciais de prática, quanto é o conjunto de preocupações teórico-metodológicas de análise da consistência, que têm ou podem ter os conhecimentos que a circundam e constituem. Esse objeto da comunicação social, nesse caso específico, tem diferentes formas de expressão e instrumentalização: comunicação midiática, cultura midiática, bios midiático, cibercultura, etc. De modo que a epistemologia da Comunicação analisa os fundamentos do ato de comunicar, analisa os fundamentos 'do' comunicar. Para mim, o princípio da questão deve ser assim empostado: que significa a comunicação para o ser do homem ?

O pensamento do professor Márcio Tavares d'Amaral (1993, p. 74), quando diz que

Se há Teorias da Comunicação agora e não antes, se nos reunimos por causa da comunicação e não por outra causa, é porque, há algum tempo, deixou de ser evidente - tão natural que não precisava ser discutido - que comunicar é o que nos faz, na medida em que é o que fazemos. Passou a ser um problema, algo que precisa ser problematizado, algo que pede uma resposta - e a resposta a esses problemas são diversos modelos, as diversas Teorias da Comunicação e o desejo estratégico da construção de uma ciência da comunicação...,

marca a importância de problematizar e fundamentar as proposições teóricas do comunicar, a partir de quais premissas raciocino sobre as relações de comunicação, a partir de quais princípios a comunicação faz sentido ? Russel (1978, p. 21) diz que

é tarefa da epistemologia as proposições que constituem nosso conhecimento numa certa ordem lógica, em que as últimas proposições são aceitas por causa de sua relação lógica com a que as precedem. Não é necessário que as últimas proposições sejam logicamente dedutíveis das primeiras; o que é necessário é que as primeiras forneçam todas as razões existentes para se considerar provável que as últimas sejam verdadeiras.

De maneira que me proponho, aqui, considerar o que é o comunicar e analisar a sua força no agir do homem. Evidentemente, o interesse mais imediato é o campo acadêmico da comunicação, que não só demanda condições de desenvolvimento, mas também apresenta diferentes escalas de respostas teórico-metodológicas,

devido às indefinições tanto com relação às suas potencialidades e rumos quanto com relação aos efeitos que acompanham seus desdobramentos e aos caminhos que ela aponta e marca nos exercícios de vida das pessoas em suas sociedades.

Pensar a comunicação, para mim, é algo deveras complexo, e afeta questões indecidíveis. Primeiramente, pensá-la de fora do modo da existência humana é algo impossível; segundo, por que pensar a comunicação de modo humano é algo cheio de comprometimentos, pois, quer-se procurar sentidos de objetos - comunicação e cultura - que estão na origem própria do sentido. É mais ou menos como expressa Maturana (1995, p. 67), “pretender que um olho veja a si mesmo”. Assim que queremos fazer o exercício de pensar a ambigüidade que se instala na questão da análise do fenômeno da comunicação enquanto fenômeno cultural. Buscamos fazer aparecer alguns sentidos do imbricamento comunicação e cultura, mostrando a dinâmica existencial presente entre elas.

A postura metodológica utilizada será a de pensar a comunicação humana no limiar de sua constituição, porque aí a estrutura e sua dinâmica constitutiva possuem certa simplicidade, que os fenômenos comunicacionais culturais mais complexos, escondem no emaranhado de suas composições. Assim que diz Duarte (2003, p. 41),

pensar uma epistemologia da comunicação implica tentar circunscrever mais precisamente o termo, encontrar um conjunto de idéias que se interliguem e expressem o que se tenta tomar como tema de estudo e pesquisa de princípios teóricos e metodológicos. Uma epistemologia é uma forma de indagar a realidade.

Entretanto temos balizas teórico-metodológicas das quais não nos é permitido fugir, sob pena de sermos considerados levianos, tal como o fato do conhecimento ter de referir-se a alguma realidade, para que possua caráter de validade (Popper) e o fato de que um conhecimento é sempre histórico e socialmente construído (Kuhn). Assim que, como afirma Bourdieu (2000), as reivindicações de legitimidade se resolvem na força relativa dos grupos cujos interesses as expressam. De modo que, na verdade, procuramos pensar uma única questão básica: a do modo da especificidade da comunicação humana. Nela se traçam dois tópicos: o do caráter humano da comunicação enquanto cultura e o da cultura enquanto resposta das relações comunicacionais.

1. A ESPECIFICIDADE DA COMUNICAÇÃO HUMANA

Não temos a menor dúvida que, na raiz de toda comunicação, está a força de pulsão vida, que está na raiz de toda a comunicação. Pensar a comunicação é, para mim, pensar os modos como ela deve ser administrada pessoal e coletivamente para a sintonia solidária do planeta. Examinemos, pois, o que faz da comunicação um fenômeno de caráter humano, isto é, o que a torna cultura; e a seguir, o modo como ela organiza o fenômeno cultural.

As formas diversas entre os modos de conduta comunicacional do homem e de outros seres vivos podem ser explicadas pelas peculiaridades das cadeias de inscrições genéticas de cada uma das espécies. Ocorre que no homem, com a complexificação cerebral e comportamental, há a regressão da pressão dessas cadeias de inscrições que dão lugar a uma memória não só do passado e do presente, mas também do futuro, o que permite ao homem trabalhar objetos numa esfera relativamente livre do controle do código genético e constituir uma reserva de experiências, conhecimentos e modos de ação singulares, a que denominamos cultura.

Explica Cassirer (1972, p. 49) que

o círculo funcional do homem não foi apenas quantitativamente aumentado, sofreu também uma mudança qualitativa. O homem, por assim dizer, descobriu um novo método de adaptar-se ao meio. Entre o sistema receptor e o sistema de reação, que se encontram em todas as espécies animais, encontramos no homem um terceiro elo, que podemos descrever como sistema simbólico. Esta nova aquisição transforma toda a vida humana. Em confronto com os outros animais, o homem não vive apenas numa realidade mais vasta; vive, por assim dizer, numa nova dimensão da realidade (destaques do autor).

Esta nova realidade enseja ao homem, inclusive, a criação e o manuseio da fala, da escritura, dos meios audiovisuais, do desenho, da pintura, da arte, da ciência, etc.

A comunicação, tanto no homem quanto no animal, aparece como relação. Na relação que define o comunicar, primordial é a percepção do outro: o desejo e a necessidade do outro. Essa busca se faz pela representação de meios – mensagens – que respondendo aos anseios de um e outro, os leva ao relacionamento. O que possibilita, portanto, a comunicação é o meio de representar, e o meio é justamente representar aquilo que se quer comunicar, onde o termo da relação vem organizado com investimentos afetivos, emocionais e sociais.

A representação, que subtende a relação de comunicar opera em diversos estados. No nível de Programa Genético há os estados de *Imagem* e de *Sinal*, que correspondem aos meios de comunicação programados. No nível do Projeto, há o

Símbolo, estado mais desenvolvido da representação, faculdade do cérebro humano mais complexo (PERUZZOLO, 1998, p. 95), tal como o diz Cassirer (1972, p. 49): “*existe uma diferença inequívoca entre as reações orgânicas e as respostas humanas. No primeiro caso, a resposta dada a um estímulo exterior é direta e imediata; no segundo, a resposta é diferida*”. É, no dizer de Cassirer, interrompida e retardada por um lento e complicado processo de pensamento.

O símbolo, chave para a compreensão da natureza do homem, é a possibilidade de afastamento do objeto da representação, o que permite à linguagem, de um lado, o caráter de arbitrariedade e, de outro, o de mediação. O símbolo passa a intervir na leitura do mundo pelo homem que já não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico, o que significa dizer que ele abre o universo dos sentidos e significados à desordem, à instabilidade, ao descomedimento e à incerteza. “*Há menos desordem na natureza do que na humanidade. A ordem natural é dominada muito fortemente pela homeostasia, a regulação, a programação. É a ordem humana que se desenvolve sob o signo da desordem*” (MORIN, 1975, p. 116), exatamente com o reflu das forças do controle genético, que possibilita a abertura para o simbólico. Diz Johnson (1970, p. 56), citando Dewey, que “*a invenção de símbolos foi o acontecimento mais notável da história humana*”.

Bougnoux (1999, p. 35) lembra que Lacan dizia que a ordem simbólica “*precede a cada um, a partir de um precedente incalculável, que ninguém fabrica inteiramente e na qual não se pode senão entrar*”; o que significa dizer que é o símbolo que faz a natureza do humano.

Há, na origem da hominização, certa forma de representação que ainda não é simbolização, que ainda é imagem e sinal, como certos gritos, que se vão sofisticando e, daí, se tornando linguagem. Não se trata bem de homens, Morin diz homínidas, mas se trata do limiar do cultural, na soleira do verbal. A porta de entrada do humano é dada pela aquisição da faculdade de representar o futuro uso do objeto, que o homínida consegue desenvolver. A um dado momento de sua evolução, ele não somente usa um objeto, mas tem presente na sua mente o desenlace de uma ação, que ainda não fez, relativa àquele objeto. Ora, isso exige exatamente a superação do significado já dado no código genético e manifesta a existência de uma faculdade de simbolização em formação, que será desde então a propulsora do sentido humano nos processos de hominização e de humanização.

A representação simbólica vai traduzir a experiência subjetiva para a simulação subjetiva quase completamente dissociada da atividade neuromotora tais como a fala e a escrita. Assim, o que vai diferenciar o animal-animal do animal-homem

não é a relação de comunicação: um comunicar humano e um comunicar de outro sistema, mas a dimensão simbólica - ou não - desse meio de comunicar. De modo que o homem não mais pode defrontar-se com a realidade de forma imediata, não pode vê-la como se fosse face a face, porque seu ver, seu sentir são gerenciados pelas suas conquistas simbólicas. No modo de dizer do neurobiólogo Karli (1984, p. 86), “no homem, uma história cultural veio enxertar-se na história biológica da espécie e numerosas significações são retiradas do mundo das idéias e se ligam aos símbolos que remetem a ele”.

O símbolo é a ordem de representação que o homem desenvolveu para operar com a realidade, e isso lhe permite trabalhá-la a cada vez de maneira mais complexa, porque a sua relação com o mundo é fundamentalmente uma relação mediada e relativamente desvinculada do controle genético. Ora, esse é o fenômeno fundante da condição humana e, por isso, mais do que o signo interessa a relação, o modo da relação. Assim, ver que a representação humana não é só cultural. Ela se torna só cultural. Exemplos claros são tanto a linguagem quanto a sexualidade, que são visivelmente atividades baseadas em mecanismos naturais, onde a natureza e a cultura são uma interação indissociável. A linguagem funda-se sobre habilidades glóticas, complexo desenvolvimento cerebral e grande capacidade de operar com diferenciada e crescente complexidade da organização social. E a sexualidade é resposta a uma necessidade, mas articulada em signos, gestos, formas, situações, condutas, que são diferentemente sistematizados por diferentes tempos e grupos humanos.

É aqui que outra concepção de comunicação, um conceito mais elementar e rudimentar, pode jogar luz sobre os fenômenos culturais quer sejam eles linguagens quer sejam eles técnicas. Aliás, técnica e linguagem são modos do homem se relacionar com o mundo. Como seres simbólicos, tal como se expressa Merleau-Ponty (1991, p. 59),

queremos sempre significar, há sempre alguma coisa para dizer (...), o ‘ir mais longe’ de Van Gogh no momento em que está pintando os Corvos já não indica alguma realidade para a qual seria preciso caminhar, mas o que falta fazer para restituir o encontro do olhar com as coisas que o solicitam, daquele que tem de ser com aquilo que é.

A qualidade específica da comunicação humana, veiculada pela representação no nível especificamente humano, provém desta faculdade essencial, que é a simbolização. As informações tomadas pelos órgãos sensoriais são vertidas em conceitos de linguagem pela ação da representação mas, de outro modo, a ação

de linguagem controla as apreensões sensoriais dos estímulos, definindo o que é informação naquela circunstância. A relação do homem com o mundo depende da apreensão e processamento dessas informações, que “*obriga-nos a admitir uma verdade que, segundo nos diz Merleau-Ponty (1991, p. 59), não se assemelha às coisas, que não tem modelo exterior nem instrumentos de expressão predestinados*”.

As operações, que processam as informações e o pensamento, e que fazem o saber, podem até não ser privilégio dos processos mentais humanos, mas os modos de ação representativa ligados à percepção do homem são um diferencial de natureza, como se diz entre muitos filósofos. Nós preferimos dizer de determinação genética, frente à representação animal: exploração ativa, seleção, captação de particularidades, simplificação, abstração, análise, síntese, a comparação, a produção de sentido diverso e a solução diversificada. Precisa-se de algo para exprimir o inexprimível, e o homem o tem. Tem o símbolo. Um símbolo humano genuíno não se caracteriza por sua uniformidade, senão por sua multifuncionalidade.

2. A COMUNICAÇÃO E A CULTURA

Se quisermos analisar e pesquisar a comunicação humana na sua interrelação com a cultura, devemos primeiro considerar que o evento comunicacional é hoje, de um modo, um fenômeno da cultura e, de outro modo, o inverso, o fenômeno cultural é ele próprio um fenômeno produzido por processos comunicacionais, de tal modo que autores como Levi-Strauss, Eco, Barthes, entre outros, afirmam que como tal ela deve ser estudada. O que fazemos, então, metodologicamente, é colocar todas as questões no nível onde se possa considerar a dimensão essencial do modo de ser humano - e nesse sentido também animal - que é o modo de ser relacional. Todos os fenômenos culturais, e em particular os da comunicação (nosso objeto de análise), são constituições relacionais.

Vamos, mesmo que rapidamente, analisar o fenômeno cultural como fenômeno humano, o que significa colocar a questão na perspectiva da relação do homem com o mundo. Desse modo, o fenômeno cultural encontra uma perspectiva ampla que não é somente fenômeno humano comum às diversas sociedades, mas que se alarga até o mais distante horizonte, onde se traçam e se apagam as culturas. Trata-se, portanto de conceptualizar não um discurso mas todo um campo discursivo. O que faz do homínida um ser aberto à imaginação e à criatividade, à liberdade social e à cultura, são as suas competências projetivas, que fazem dele – primordialmente - um

“*animal simbólico*”, como já dissemos, tal como o define Cassirer (apud SARTORI, 2001, p.11):

O homem não vive dentro de um universo puramente físico, mas sim num universo simbólico. Língua, mito, arte e religião [...] são os vários fios que compõem o tecido simbólico [...]. Qualquer progresso humano no pensamento e na experiência fortalece este tecido [...]. A definição do homem como animal racional não perdeu nada do seu valor [...], mas é fácil perceber que tal definição é uma parte de um todo. Pois lado a lado com a linguagem conceitual há uma linguagem do sentimento, lado a lado com a linguagem lógica ou científica existe a linguagem da imaginação poética.

Segundo Leroi-Gourhan (1964), os seres vivos são dotados de determinadas possibilidades operatórias, conforme as espécies, de acordo com um programa biológico geneticamente inscrito neles. É este programa que determina as cadeias operatórias. E cada ser vivo vai definir seus comportamentos por essas inscrições genéticas. E a especificidade humana aflora exatamente na possibilidade de regressão do controle dessas cadeias operatórias de inscrições, permitindo-lhe a dimensão de projeto, que é a representação da obra futura, a memória do futuro. É a partir daí que ele cria a sua cultura que será, desde então, o seu meio natural.

Com esse movimento, o domínio dos códigos passa a gerir sentidos não mais vinculados apenas aos fenômenos naturais, mas, acima de tudo, a fenômenos mentais que constroem uma nova ordem, a da linguagem. Do universo dos sinais, o homem chega ao universo dos sentidos. E desse modo, fora de uma cultura organizada não mais será possível, mesmo para o ser humano mais bem dotado, desenvolver e realizar o que existe nele em estado latente.

Criada a linguagem, torna-se esta não apenas o instrumento da comunicação e, decorrentemente, da organização complexa da sociedade; torna-se também o patrimônio cultural portador do conjunto dos conhecimentos e das práticas da sociedade, constituindo-se num sistema generativo de alta complexidade sem o qual essa complexidade ruiria (PERUZZOLO, 2006, p. 129).

A linguagem, que lentamente se constitui no homínida, é a força que o conduz ao estágio humano e à singularidade de sua comunicação, a língua. Explica Bourdieu (1974, p. X) que “*a fala aparece como a condição da língua, tanto do ponto de vista individual como do ponto de vista coletivo, uma vez que a língua não pode ser aprendida fora da fala, e porque sua aprendizagem se realiza através da fala*”.

As relações do homem com o seu meio-ambiente, com o mundo, ocorrem sob formas de respostas às impulsões da vida. Tais respostas, quando privilegiadas, isto é, escolhidas e estabelecidas, vão ser fixadas e ajustadas (na medida das

opções), trazendo ordenamento às soluções dadas às situações de insegurança e desconhecimento. Diz Canaud (1975/76) que

quando há escolha, há privilégio de uma relação, surgindo assim um hábito, um costume, um modo de ser. Quando há escolha propriamente dita, há estabelecimento relacional, fixação, estabilização da relação; é o 'aménagement' (ordenação) dessa relação. Assim se estabelece um modelo cultural que não é outro senão uma relação, um modo de ser, de fazer, estabelecido, consagrado.

Acontece que, quando o homem escolhe uma relação e ela lhe é agradável, prazerosa e, mesmo, útil, ele passa a privilegiar essa relação. Essa é a necessidade, a força que produz a cultura. Quando privilegia uma dada relação, ele deseja e trabalha para que ela dure, que permaneça e, permanecendo, ela se torna um uso, um costume, um hábito. Então há, no fenômeno cultural, institucionalização de relações privilegiadas e estabelecidas porque o homem tem a necessidade de dar continuidade à sua comunicação.

A escolha de uma relação pelo homem torna-se, pois, uso, hábito, costume, que é a institucionalização desse modo de ser, a que denominamos 'cultura'. Essa fixação, esse estabelecimento - essa institucionalização - torna-se modelo, forma e norma de ação e ser. O modelo cultural é uma adaptação da relação, que é integrada ao conjunto dos modelos culturais existentes. "A construção cultural, diz Lull (2000, p. 18), sempre envolveu relação e mediação material e simbólica". Daí a sua semelhança estrutural com o processo de comunicação. Por isso comunicação (no nível humano) e cultura são categorias conceptuais que nomeiam fenômenos que se enrolam um no outro, tal como se expressa Goody (1988, p. 47): "a cultura não é senão uma série de atos de comunicação". Tais atos são fazeres humanos.

A vida humana e suas experiências só podem ser entendidas por essa teia relacional que é a cultura, que é a vida em sociedade, onde a comunicação é não só a atividade nuclear mas, principalmente, a força que a gerencia. Por isso Huxley (1963, p. 80) a define como "uma máquina que torna possível aos seres humanos desenvolverem as suas potencialidades". Assim que compreender a cultura contemporânea, querer entender o nosso tempo, implica em aperceber-se e compreender a maneira como as comunicações tecnológicas afetaram, e afetam, os modos de vida e as subjetividades das pessoas, das sociedades e de suas organizações.

Nesse jogo de questões/estímulos e respostas, há modos de ser e de fazer, que se impõem, assegurando o equilíbrio do homem no seu habitat e a sobrevivência da espécie, por esse estabelecimento de modos de respostas às necessidades que se apresentam. Assim, a humanização se faz porque o conjunto das respostas que o

homem dá, e aprende a dar, às suas necessidades, não só constroem um conjunto de modos de fazer e de saber que ele transmite de grupo para grupo e de geração para geração, mas que também são refeitas e repensadas de maneira a serem modos de fazer melhorados, que aportam novos modos de ser e de fazer para os grupos sociais. Ora, esse movimento da cultura mostra que o homem é um ser tensionado pelo futuro, de tal modo que as respostas produzidas são consagradas e valorizadas como conquistas, que se acumulam como formas de ser, agir, sentir e de pensar, do homem no espaço e no tempo. “*Armazenamos informação da mesma forma que as células armazenam energia*”, escrevia Thomas (1975, p. 5).

O fenômeno cultural, então, vai constituir-se pela ordenação/ajustamento da relação que foi privilegiada. O ajustamento estabiliza a relação para a eficácia da organização humana. Assim, todo modelo cultural é um ajustamento de relações, um modo de ser relacional privilegiado dentro de um certo agrupamento humano ou sociedade. Isso significa dizer que os ajustamentos regram as condutas posteriores, quer dizer, as relações passam de efeitos a causas. Como diz O’dea (1969, p. 22), “*os ritos uma vez estabelecidos, juntamente com as crenças a eles ligadas, influem no comportamento*”, isto é, de efeitos eles passam também a causas de outros modos de ser, de agir, de crer e de pensar. É desta maneira que podemos conceber a cultura como sendo o modo de relacionamento do homem com seu real.

É assim que a cultura não só se rege pelas regras da linguagem como também se torna impossível sem ela, pois, “a cultura, como diz O’dea (1969, p. 11), *é a criação, pelo homem, de um mundo de ajustamento e sentido, no contexto do qual a vida humana pode ser vivida de maneira significativa*”. É assim que a cultura da comunicação vai disponibilizar os modos de pensar e organizar-se da sociedade. A lógica embutida no uso e significado do meio de comunicação, as modalidades operatórias por ele determinadas também condicionam o modo do agrupamento humano pensar e acomodar-se na convivência. De modo que a cultura é o conjunto das manifestações/obras constituídas - nós dissemos ‘relações ajustadas e fixadas’ - pelo homem no seu afã de fazer aparecer, de consagrar o valor, o sentido dos empreendimentos do seu existir. Os seres humanos, com nosso explicar científico ou não, “*construímos a natureza como o domínio no qual existimos*”, diz Maturana (1995, p. 92), (como seres humanos ou viventes linguajantes).

3. O FENÔMENO CULTURAL DA COMUNICAÇÃO

Lembremos do que se disse há alguns parágrafos atrás, a saber, que consideraríamos o fenômeno da comunicação humana na fronteira do cultural,

na sua gênese, como um fenômeno animal para que se pudesse discriminar o que o tornava humano, e assim se pudesse compreender a força que dele se apodera, fazendo o seu sentido. Ora, isso possibilita também a compreensão do fenômeno da produção e recepção de mensagens como um modo cultural, para que se possam interrogar os seus sentidos e significados. O interesse em ver a comunicação como fenômeno cultural, isto é, primeiramente, como fenômeno humano, é para poder estabelecer uma concepção de comunicação que exprima, não as representações técnicas do processo, mas sim, acima de tudo, a sua qualidade, a vitalidade de sua dinâmica. Dado isso, a saber, compreendido o que é o cultural, podemos nele integrar a prática comunicacional como força motriz desse desenvolvimento.

Chegamos, então, ao âmago da questão proposta para esta análise: examinar a especificidade deste fenômeno cultural, que é a comunicação, que por sua vez faz o social, para entender o que é ele, quando olhamos os fenômenos culturais como sendo ou nascendo de relações comunicacionais, isto é, quando considerado como sistema de signos, como cadeias significantes. A comunicação, como fenômeno vital, chega ao homem na forma de cultura, de modelos culturais, onde as relações de comunicação procuradas e institucionalizadas organizam ethos, isto é, comportamentos coletivos, originando uma esfera de ordenamentos sociais, que opera como um sistema referencial e moderador...

A comunicação humana é uma modalidade singular de cultura, onde a representação que possibilita a relação se organiza na forma de meio de comunicar, isto é, numa matéria que opera o relacionamento. Essa matéria vem densamente investida pelos sujeitos, de tal modo que o comunicar exprime o estabelecimento de uma relação entre uma pessoa e outra, quando elas buscam a si na relação com o outro. Ora, isso nos remete para a complexidade do fenômeno que se especifica como comunicação e que se imbrica nos fenômenos do social e cultural.

Na comunicação, essa relação de busca do outro vem subtendida na representação da mensagem. Assim que falar de comunicação e falar de cultura é discorrer de óticas diferentes de um mesmo objeto: o fazer humano. As regras que regulam essas diferenças são as mesmas, entretanto formadas e experimentadas, uma, nas relações (de comunicação) que se fazem; outra, nas relações que se consagram e fixam (cultura). Quer dizer, a força que habita a comunicação está na busca da relação, que implica na necessidade da cooperação do outro na formação do si-próprio, o que institui o nexos social; e a força da cultura está na institucionalização da relação. A perspectiva tomada por Martín-Barbero (1987) é que a cultura é a instância de mediação articuladora dos contextos nos quais os sujeitos sociais interagem produzindo significações.

Hoje, quando um indivíduo da espécie humana nasce, já encontra a linguagem ali na cultura, mas ela nem sempre esteve ali. O indivíduo - onto e filogeneticamente - precisou construir-se conjuntamente com ela enquanto produzia a sua socialização nas respostas aos estímulos de sobrevivência dado pelo seu grupo comunicante. As aptidões biológicas para a linguagem presentes na comunicação presidem à instituição da cultura. Daí a força de interdependência entre comunicação e cultura, que se regulam pelas mesmas regras de constituição. Assim como o homem inventou ferramentas ele também inventou a linguagem como sistema de gerenciamento, produção e reprodução do universo simbólico.

A questão moderna está sendo pensar a comunicação como um fenômeno global, não só no sentido de ser um fenômeno planetário que tange a todos e a todas as sociedades, mas também no sentido de compreendê-la de modo integrado no movimento da vida. Carneiro Leão (1977, p. 11), trabalhando com o pensamento de Heizenberg, lembra que os aparelhos e instrumentos técnicos são “*partes integrantes do homem, como a teia é parte da aranha e a concha, do caramujo*”. Jamais compreenderemos o modo de ser da aranha sem sua teia.

Essa simbiose existencial, que faz ser tanto à comunicação e sociedade quanto à cultura, é já uma tese resolvida entre muitos antropólogos. Desde Lévi-Strauss e o Estruturalismo, aceita-se a tese de que todo sistema cultural é meio de comunicação e sistema de regras e que, portanto, deve ser considerado como uma linguagem. Isto quer dizer que suas regras são as mesmas da mente humana; e pode ser resumida pelo próprio dizer de Lévi-Strauss (apud LEACH, 1973, p. 39): “*Quem diz homem, diz linguagem, e quem diz linguagem, diz sociedade*”.

Assim que as formas de linguagem estão sempre presentes presidindo à transição que o homínida faz da animalidade para a humanidade e da natureza para a cultura, e da cultura para outras formas dela. Greimas não tem dúvidas disso. Para ele, como registra Mourão (2002, p. 1039), “*são os códigos de significação e de comunicação que moldam os seres humanos*”.

Por isso, como nos lembra Maturana (1995, p. 18), “*os problemas sociais são sempre problemas culturais, porque têm a ver com os mundos que construímos na convivência*”. É por isso que podemos fazer um longo traçado de interdependências entre a comunicação e a cultura através dos tempos nas sociedades humanas, seguindo a construção e o desenvolvimento de diferentes modelos culturais.

Assim como os processos comunicacionais, estabelecidos na esfera da simbolização, geraram a cultura, também não cessam de aumentar cotidianamente o patrimônio de experiências e criações humanas, presidindo a todas as formações

culturais. É a partir das comunicações, que as culturas se estruturam. Por isso diz Xifra-Heras (1974, p. 9) que

a cultura não consiste apenas no acúmulo do que o homem criou ou instituiu como resultado do seu fazer em comum, mas também, e de modo fundamental, na energia criadora da comunicação, graças à qual o homem se CULTIVA, isto é, se realiza desdobrando uma gama de interações sociais.

De tal modo que o homem, enquanto agente de sua cultura, se apresenta como um sujeito mediador que é também mediado pelos processos comunicativos que se desenrolam na história de sua existência. Para Goody (1988, p. 47), como já citamos atrás,

A cultura não é senão uma série de atos de comunicação; e as diferenças no modo de comunicação são freqüentemente tão importantes como as diferenças no modo de produção, pois envolvem progresso na possibilidade de armazenagem, na análise e na criação de conhecimento, assim como as relações entre os indivíduos envolvidos.

Nossa idéia é que a comunicação, pensada na sua interrelação com a cultura, é o movimento da vida social, o que significa dizer que as práticas comunicativas são as constituidoras de vida social.

4. CONCLUSÃO

Lembremos que a questão do valor se coloca no fato de o homem, no exercício natural da vida, não se perguntar sobre o que são as coisas, isto é, não tem com relação a elas uma atitude objetiva, mas de inquirir-se fundamentalmente acerca da sua relação com ela, isto é, sua inserção no meio é subjetiva. É por isso que para Buber (1962) o mundo humano (a cultura) se constitui a partir da maneira como o homem se relaciona com aquilo que o circunda.

Claramente, os meios tecnológicos impõem distanciamentos no encontro com o outro, mas essa realidade não é determinada pela tecnologia desses meios modernos de comunicação e, sim, pela natureza do pensamento projetivo (memória do futuro) que liberou as formas de sobrevivência do homínida da dependência exclusiva do seu código genético. Em outras palavras, é da natureza simbólica do homem o operar no diferimento dos termos da relação.

Exatamente enfatizamos que o modo de relacionamento entre os comunicantes constitui o tópico mais fundamental dos estudos para saber e entender o sentido da

cultura que o homem cria. Onde se quer chegar ? Quer-se chegar a um modo de explicação da cultura das mídias que desvelem as forças que a impulsionam ou, de outra forma, que contemplem as necessidades que se apoderam dela.

A hipótese especulativa, justamente, propõe que a cultura, tomada como modos de ser relacionais privilegiados pelo homem, torna-se, como tal, matriz codificadora e decodificadora primordial dos sentidos e significados (inter)cambiados nas relações de comunicação. De modo que não se pode entender a comunicação fora da cultura, mas também não se pode compreender a cultura sem a consideração da força que a criou, a sustenta e a dinamiza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcio Tavares d'. Crise das teorias da comunicação. In: PEREIRA, Carlos A. M. e FAUSTO NETO, Antônio (org.s). *Comunicação e Cultura Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Notrya/COMPÓS, 1993.

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às Ciências da Comunicação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Los Usos Sociales de las Ciencias*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

_____. *A Economia das Trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BUBER, Martin. *Le Problème de l'Homme*. Paris: Aubier, 1962.

CANAUD, Diana. *Dimensões Antropológicas da Comunicação*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ (Mestrado em Comunicação e Cultura), Apostilas de aula, 1975/1976.

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. *Aprender a Pensar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica, Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da comunicação. In: LOPES, Maria Immaculata V. (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

GOODY, Jack. *A domesticação do Pensamento Selvagem*. Lisboa: Presença, 1988.

HUXLEY, Aldous. As Possibilidades Humanas. In: FARBER, Seymour & WILSON, Roger H. L. *O Controle da Mente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

- JOHNSON, Wendell. Palavras e não-palavras. In: STEINBERG, Charles. *Meios de Comunicação de Massa*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- KARLI, Pierre. *Neurobiologia dos Comportamentos de Agressão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- LEACH, Edmund. *As Idéias de Lévi-Strauss*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- LEROI-GOURHAN, André. *Le Geste et la Parole, Technique et Langage*. Paris: Albin Michel, 1964.
- LULL, James. Supercultura para a época da comunicação. Revista FRONTEIRAS, São Leopoldo, RS, UNISINOS, v. II, n. 1, p. 9-25, dez. 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *De los Medios a las Mediaciones*. México: Gustavo Gilli, 1987.
- MATURANA R, Humberto. *La Realidad: objetiva o construida?* México: Universidad Iberoamericana; Guadalajara (México): ITESO, 1995.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MORIN, Edgar (Org.). *A Religação dos Saberes*. Rio de Janeiro: Bertrando do Brasil, 2002.
- _____. *O Enigma do Homem, por uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MOURÃO, José Augusto. A Práxis Enunciativa entre Spinoza e Greimas. In: MIRANDA, José A. Bragança & SILVEIRA, Joel F. da (Org.s). *As Ciências da Comunicação, na Viragem do Século*. Lisboa: Vega, 2002.
- O'DEA, Thomas F. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Pioneira, 1969.
- PERUZZOLO, Adair C. *A Comunicação como Encontro*. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- _____. *A Circulação do Corpo na Mídia*. Santa Maria, RS: Imprensa Universitária, 1998.
- RUSSELL, Bertrand. *Significado e Verdade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SARTORI, Giovanni. *Homo Videns*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- THOMAS, Lewis. Linguagem e Comunicação Humana. DIÁLOGO, Rio de Janeiro, Consulado dos EUA, v. VIII, n. 5, p. 3-7, 1975.
- XIFRA-HERAS, Jorge. *A Informação, análise de uma liberdade frustrada*. Rio de Janeiro: Lux Ltda, 1975.